

O *Coaching* como ferramenta no ensino superior: o estudante como ator principal

Paula Cristina Faria ‡
Marta Joana Pinto ‡

‡ Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico do Porto
pcf@ess.ipp.pt
mpi@ess.ipp.pt

Resumo

O sucesso académico do estudante está cada vez mais ancorado à demonstração da aquisição de competências e à capacidade da sua utilização na resolução de problemas. O estudante deve assumir um papel ativo na sua aprendizagem saindo de mero recetor de conteúdos, para a busca ativa e efetiva de conhecimentos relevantes para os desafios encontrados. No curso de Terapia da Fala da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico do Porto, na unidade curricular de Educação Clínica II, temos vindo a implementar o modelo de Orientação Tutorial, como metodologia ativa para a aprendizagem, onde se pretende que o estudante analise criticamente as suas competências enquanto são implementadas ferramentas que potenciam o seu crescimento individual.

O objetivo foi verificar o impacto da utilização de ferramentas de *Coaching* com os estudantes, numa abordagem qualitativa que enfatiza a perceção dos estudantes sobre as suas competências instrumentais, sistémicas, interpessoais e intrapessoais. Utilizou-se para análise documental as suas reflexões individuais, realizadas em dois momentos distintos. No segundo momento verificou-se um aumento de referenciação mais significativo das competências instrumentais e intrapessoais. Considera-se relevante continuar a investigar a perceção dos estudantes relativamente ao desenvolvimento das suas competências.

Palavras-Chave: aprendizagem ativa; ferramentas de *Coaching*, competências do Terapeuta da Fala.

1. Contextualização

Na Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico do Porto (ESS-P.Porto), a área técnico-científica de Terapia da Fala (ATC-TF), tem vindo a refletir sobre o impacto das práticas pedagógicas implementadas no percurso académico e profissional dos seus estudantes.

O perfil profissional de Terapia da Fala (TF) em Portugal, está organizado em quatro grupos de competências: instrumentais; sistémicas; interpessoais; e intrapessoais (Lopes, 2004) sendo que a ESS-P.Porto as inclui nas suas práticas pedagógicas.

As metodologias ativas são utilizadas em diferentes unidades curriculares (UC), nomeadamente em Educação Clínica, onde o estudante tem oportunidade de observar, experienciar e praticar o papel profissional que irá desempenhar no futuro.

Cid (2017) refere que a avaliação das práticas pedagógicas deve ser vista como um caminho para a melhoria das aprendizagens, acrescentado que todos vivenciam uma cultura de sucesso e aprendem sempre que estão criadas as condições efetivas para tal. Esta avaliação é um processo de mais-valia para a adequação de estratégias pedagógicas baseadas nas especificidades/necessidades do estudante (Christofari, 2012).

Para consciencializar o estudante da sua competência, ao longo dos três anos de estágio – 2º, 3º e 4º anos do plano de curso, todas as unidades de Educação Clínica da licenciatura em TF da ESS-P.Porto, incluem uma grelha de autoavaliação, que o estudante deve preencher e discutir com o seu educador clínico no final de cada período de estágio curricular. Pretende-se que com esta discussão aumente a consciência do nível das suas competências, e permita que o estudante identifique onde deve investir para acionar as estratégias ideais que o levarão a atingi-las na sua plenitude máxima. O estudante também elabora reflexões das aprendizagens realizadas em formato de portefólio.

Os portefólios e reflexões individuais são ferramentas que permitem esta análise, uma vez que o estudante as utiliza para pensar sobre a sua própria formação. É uma criação explícita do estudante, numa perspetiva pessoal, sobre o seu processo de aprendizagem, pela compilação de documentos elaborados num determinado período de tempo. Ambos permitem ao docente, como leitor, analisar a apropriação e integração do estudante, face ao conhecimento adquirido (Christofari, 2012). Através destes registos é possível ter acesso ao impacto percecionado pelo estudante das práticas pedagógicas vivenciadas.

2. Descrição da prática pedagógica

Na UC de Educação Clínica II do 3º ano, estão previstos momentos de Orientação Tutorial (OT) para:

- facilitar o raciocínio e orientar a investigação necessária às questões levantadas pelo estudante/estagiário (competências instrumentais e sistémicas); e
- para analisarem comportamentos e atitudes a assumir, bem como formas de as adquirir, onde são discutidos os processos de adequação ao outro e de autorregulação individual em situações de stress ou ansiedade vivenciadas. É esperado que cada estudante defina a sua linha de base, selecione as competências que considera mais frágeis, e elabore e implemente planos de ação individuais para as desenvolver.

A unidade de Educação Clínica II engloba:

- dois momentos de estágio em instituições de referência profissional, orientados por terapeutas da fala que exercem diariamente a sua atividade profissional. O primeiro momento de estágio acontece durante sete semanas (um dia por semana) no primeiro semestre e o segundo momento acontece durante cinco semanas (um dia por semana) no segundo semestre;
- dois blocos de aulas de OT que decorrem ao mesmo tempo que o estudante está a frequentar o estágio, para facilitar e promover o desenvolvimento das suas competências conforme a situação que está a vivenciar na instituição que o acolhe. No primeiro semestre têm 2 horas de OT por semana e no segundo semestre têm 1 hora de OT por semana.

Para um melhor acompanhamento dos estudantes, nas aulas de OT a turma é dividida em três turnos de aproximadamente doze estudantes cada.

2.1. Objetivos e público-alvo

Sabendo que os processos pedagógicos têm impacto no desempenho profissional do futuro terapeuta da fala, promover a proatividade do estudante, o abandono do papel de aluno e a assunção da sua aprendizagem e desenvolvimento profissional como futuro Terapeuta da Fala (TpF), torna-se importante averiguar de forma sistemática o impacto percebido pelo estudante sobre a prática pedagógica implementada nas OT de Educação Clínica II.

Estas informações permitirão uma cada vez melhor adequação das práticas pedagógicas ao estudante, atendendo ao perfil do TpF (Lopes, 2004; SPT, 2017) e à realidade atual do mercado de trabalho. Como as competências do perfil do TpF devem ser adquiridas ao longo de quatro anos, num aumento de complexidade e de interrelação, facilitar ao estudante a identificação do seu nível de proeficiência/consciência de cada uma delas, ajuda-o na construção ativa do caminho a traçar, de forma a colmatar as suas competências mais frágeis e manter a evolução das mais desenvolvidas.

Definiu-se como objetivo verificar o impacto nos estudantes da utilização de ferramentas de *Coaching* do 3º ano do curso de TF da ESS-P.Porto, recorrendo-se à sua perceção sobre as competências instrumentais, sistémicas, interpessoais e intrapessoais, aprendidas/desenvolvidas durante a UC.

O público alvo da utilização das ferramentas de *Coaching* foram os estudantes da UC de Educação Clínica II do 3º ano de TF da ESS-P.Porto, no ano letivo 2020-2021.

2.2. Metodologia

As práticas pedagógicas utilizadas centram-se na implementação de ferramentas de *Coaching*, pelo docente ao estudante de forma a:

- facilitar a capacidade do estudante se autoavaliar nas diversas competências que estão definidas para a UC;
- permitir a definição do seu plano de ação para o desenvolvimento das competências que considera pertinentes para a sua aprendizagem e as respetivas estratégias a utilizar;
- identificar a situação que promove a implementação do plano de ação; e
- avaliar o resultado da implementação do seu plano de ação.

Foram utilizados, durante as aulas com os estudantes, o esquema básico de *Coaching* (A-B) e alguns dos pressupostos da Programação Neurolinguística, nomeadamente as zonas de aprendizagem e o feedback factual, entre outras (Chu, 2014; Martenet, 2019), e os níveis de consciência para a aprendizagem (Nogueira, 2017).

As aulas iniciam com questões dos estudantes sobre os casos observados em estágio. Essas questões servem de mote para o processo de *Coaching* ao estudante, permitindo-lhe desenvolver autonomia e capacidade de análise crítica sobre as suas competências, e pensar acerca dos objetivos e estratégias a utilizar para resolver os problemas. Em paralelo são lembrados pelos docentes os itens da grelha de autoavaliação que correspondem ao comportamento ou atitude que está a ser foco de discussão, para definição da linha de base das suas competências e construção do plano de ação. Aquando da entrega do relatório o estudante deve ter feito uma autoavaliação da implementação do plano de ação por si desenvolvido.

Durante o 1º semestre do ano letivo 2020-2021, o estágio deveria ocorrer entre outubro e dezembro de 2020. Tendo sido este um período de pandemia no país causada pelo vírus SARS-CoV-2, antecipou-se o início da época de estágios, sendo que os estudantes da UC de Educação Clínica II, foram fazendo estágio conforme as instituições acolhedoras o permitiam. Para facilitar a carga horária foi dividida em dois momentos: primeiro momento de 20h; segundo momento de 16h. Desta forma, todos fizeram as 36h de estágio previstas, tendo a alocação de estudantes às instituições iniciado com o primeiro grupo em setembro de 2020 e terminado com o último grupo em janeiro de 2021.

Considerando que alguns estudantes iniciaram estágio nas primeiras semanas de aulas (ainda em setembro) e que as aulas OT só começaram em meados de outubro (em paralelo com as datas de estágio previstas para uma situação não pandémica), estavam criadas as condições para se desenvolver esta investigação.

2.3. Avaliação

O projeto de investigação foi submetido à comissão de ética da ESS-P.Porto que a aprovou com o número de registo CE0057B em 11-06-2021.

Foram definidos como critérios de inclusão:

- ter frequentado as aulas de OT;
- o primeiro relatório de estágio ter sido entregue antes do início da primeira aula de OT e o relatório do segundo momento após terem terminado as aulas de OT.

O método de recolha de dados foi a análise documental das reflexões realizadas pelo estudante que integravam os relatórios de estágio. Os tópicos que são abordados pelo estudante na realização destas reflexões são selecionados pelos próprios, face à sua vivência em estágio, não havendo qualquer indicação dos docentes sobre o que abordar.

De forma a garantir o anonimato dos participantes, foi realizada uma extração da reflexão do relatório de estágio para um documento individual. Este foi nomeado com a codificação atribuída ao participante *_R1 e *_R2, onde * correspondia ao número aleatório atribuído ao participante, R1 significava Relatório do momento 1 e R2 Relatório do momento 2.

Para a análise qualitativa dos dados, através de uma análise de conteúdo (Bardin, 2014), recorreu-se ao software Nvivo (QSR International) para organizar e analisar a informação de acordo com as categorias definidas: competências instrumentais; competências sistémicas; competências interpessoais; e competências intrapessoais. Consideraram-se como unidades de análise os itens da grelha de autoavaliação que o estudante utiliza no final do estágio, que inclui os quatro grupos de competências do perfil do TpF.

3. Resultados, implicações e recomendações

De um total de 34 estudantes e pela aplicação dos critérios de inclusão, contamos com 14 participantes e 28 reflexões, 14 do momento 1 e 14 do momento 2.

Em relação às competências instrumentais, sendo uma UC de estágio e estando os estudantes em contacto com profissionais a exercer no campo, é esperado que estas sejam as competências com maior representatividade.

Competências Instrumentais	Momento 1	Momento 2
CI.1 - Seleção e utilização dos instrumentos de avaliação formais/informais.	1	2
CI.2 - Recolha, registo e manutenção dos dados, com respeito pelos preceitos legais e éticos.	9	5
CI.3 - Justificação, planeamento e implementação da terapia apropriada a cada caso.	5	5
CI.4 - Justificação da informação em falta e necessária para compreender a problemática do cliente.	1	2
CI.5 - Participação em ações que visem medir os resultados do processo de apoio/intervenção e usar os dados para orientação na tomada de decisões.	1	5
CI.6 - Atuação de acordo com as normas de biossegurança.	3	1
CI.7 - Contribuição para um ambiente de trabalho seguro.	0	1

Tabela 1: Competências Instrumentais

Na tabela 1 estas competências surgem referidas nos dois momentos. Quando comparados, verificamos que os itens CI.1, CI.4, CI.5 e CI.7 apresentam um aumento da sua referência; o item CI.3 mantém a representatividade de referência e só os dois itens, CI.2 e CI.6 diminuíram a referência.

Como estudantes do 3º ano, espera-se que o raciocínio clínico e crítico - competências sistémicas - esteja ainda imaturo no primeiro momento e que a sua representatividade aumente no segundo momento.

A tabela 2 mostra a sua representatividade nos dois momentos. Entre eles observa-se uma diminuição de representatividade no item CS.2, CS.5 e CS.6, e a constância de referência nos restantes três itens.

Competências Sistémicas	Momento 1	Momento 2
CS.1 - Tomada de decisão fundamentada com raciocínio clínico para a utilização das técnicas tratamentos ou procedimentos escolhidos.	2	2
CS.2 - Demonstração da capacidade de análise e resolução para a situação terapêutica .	4	1
CS.3 - Utilização dos dados da literatura técnica e científica relativos às disciplinas das ciências da comunicação.	2	2
CS.4 - Reconhecimento das necessidades culturais específicas dos diversos grupos populacionais, prestando serviços adequados, que garantam sensibilidade para os aspectos linguísticos e multiculturais.	2	2
CS.5 - Compreensão dos papéis dos membros da equipa.	4	3
CS.6 - Prestação de serviços directos (presencial ou teleprática), com modelos diversificados de avaliação e de intervenção.	2	0

Tabela 2: Competências Sistémicas

As competências interpessoais são foco de desenvolvimento ao longo de todo o curso de TF. A possibilidade de se relacionar com um educador clínico, a equipa institucional, os clientes e as suas famílias, permitem ao estudante colocar em prática diversos conhecimentos adquiridos durante a formação letiva.

Conforme se pode ver na tabela 3, no primeiro momento os estudantes registaram de forma muito representativa os itens CInterP.1, CInterP.2; e representativa o item CInterP.4, tendo-se verificado uma diminuição no segundo momento. O Item CInterP.3 manteve a sua referência e só no item CInterP.5 se registou aumento de representatividade.

Competências Interpessoais	Momento 1	Momento 2
CInterP.1 - Desenvolvimento e manutenção de relacionamentos de trabalho em equipa.	7	4
CInterP.2 - Demonstração de pericia na interacção terapêutica, facilitando e suportando a participação do cliente.	10	9
CInterP.3 - Adequação do comportamento linguístico e interpessoal para aumentar a capacidade de comunicação com o cliente.	4	4
CInterP.4 - Demonstração de saber atuar de acordo com a diversidade e a multiculturalidade do cliente.	4	1
CInterP.5 - Transmissão de informação correta e de forma imparcial ao cliente e outros significativos.	1	5

Tabela 3: Competências Interpessoais

Relativamente às competências intrapessoais, e pelas ferramentas implementadas nas OT de Educação Clínica II, o estudante é empoderado de forma da capacidade de se autoavaliar e para traçar o seu plano de ação individual de forma ativa e conscienciosa.

Na tabela 4 observa-se que nos dois itens houve um aumento de representatividade o que demonstra o aumento de consciência sobre as suas próprias atitudes e comportamentos.

Competências Intrapessoais	Momento 1	Momento 2
CIntraP.1 - Demonstração de capacidades de crítica construtiva e de auto-crítica.	4	6
CIntraP.2 - Demonstração de consciência da influência dos seus sentimentos, crenças culturais, valores, conhecimentos e experiências na interação e comunicação com o outro.	0	3

Tabela 4: Competências Intrapessoais

Fazendo uma comparação global, entre o primeiro e o segundo momento nos quatro grupos de competências, podemos observar que no primeiro momento as competências instrumentais, sistêmicas e interpessoais tiveram grande relevo face às competências intrapessoais, enquanto que no segundo momento se verifica um aumento de referência das competências instrumentais e intrapessoais com diminuição significativa da representatividade dos itens das competências sistêmicas e interpessoais.

4. Conclusões

A perceção dos estudantes de Educação Clínica II sobre o desenvolvimento das suas competências instrumentais, sistêmicas, interpessoais e intrapessoais, foi recolhida por extração da reflexão de estágio para documentos codificados.

Considera-se que o impacto das ferramentas de *Coaching*, implementadas nas aulas OT pelos docentes de forma implícita, contribuiu de forma significativa para o aumento de representatividade que se observou nos itens das competências instrumentais e intrapessoais do primeiro para o segundo momento de estágio. O decréscimo registado nos itens dos outros dois grupos de competências, sistêmicas e interpessoais, pode ser explicado pelo limite de páginas para a elaboração da reflexão; sendo o espaço de escrita igual nos dois momentos, o estudante tem de decidir sobre quais competências que quer refletir, e normalmente esta decisão recai sobre o que percionam como aprendizagem nova ou recente.

Considera-se relevante continuar a estudar a perceção dos estudantes do ensino superior sobre a utilização destas ferramentas.

Considera-se também importante explorar o nível de consciência que os estudantes têm relativamente à sua competência em cada item do perfil do TpF (ou outro perfil profissional), sugerindo-se a utilização da taxonomia de Bloom para o identificar.

Sugere-se ainda que se deve averiguar o impacto que estas práticas pedagógicas terão na prática profissional do TpF já formado.

5. Referências

Bardin, L. (2014). *Análise de Conteúdo*. Edições 70, Lisboa.

Cid, M. (2017). Avaliar para incluir e melhorar as aprendizagens: práticas, obstáculos e possibilidades. In J. Almeida & E. Chaleta (Orgs.), *Formação docente em inclusão e direitos humanos no Brasil e em Portugal* (pp. 187-212). EDUFAL, Alagoas,.

Chu, M. (2014). *Developing mentoring and coaching relationships in early care and education: a reflexive approach*. Pearson Educaton, Inc, USA.

Christofari, A. C. (2012). Avaliação da aprendizagem e inclusão escolar: relações possíveis. In IX ANPED SUL 2012, *Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul: a pós graduação e suas interlocuções com a educação básica*, Vol.1, ANPED, Brasil.

Lopes, A.M.F. (Ed.) (2004) *Implementação do Processo de Bolonha a Nível Nacional, por Áreas de Conhecimento: Tecnologias da Saúde*. MCTES, Lisboa.

Martenet, C.G. (2019) *Coaching com PNL*. Pactor, Lisboa.

Nogueira, D.S. (2017). *Trate a Vida por Tu*. Lua de Papel, 2ª edição, Alfragide.

SPT, 2017 *Benchmarks for Speech and Language Therapy Education*. https://ec.europa.eu/programmes/erasmus-plus/project-result-content/62e7ba25-7f5b-4b94-a515-a05d6ed9dcfe/IO2_%20Benchmarks%20for%20Speech%20and%20Language%20Therapy%20Education.pdf

QRS Internacional Nvivo: Software for Qualitative Data Analysis. <https://www.qsrinternational.com/nvivo-qualitative-data-analysis-software/home>